

PRELÚDIO 11
Amuro e asexo
Jairo Gerbase

O amor é amuro. L'amour c'est l'amur.

O amuro são os sinais determinantes dos caracteres sexuais secundários do corpo. Somos levados a pensar que o gozo do corpo depende dos caracteres sexuais secundários. A hipótese da puberdade e da pulsão genital se sustenta no fato de que os caracteres sexuais secundários fazem do gozo do corpo um gozo sexuado, mas o gozo do falaser é o gozo do corpo como assexuado. O gozo sexual é assexuado por ser marcado pela impossibilidade de estabelecer o Um da relação sexual. O amor, Eros, é união, intenção de, de dois fazer Um, ideal proposto há muito tempo por um poeta grego cômico, Aristófanes. Aliás, ele chegou atrasado ao Banquete por estar encenando sua peça "As nuvens".

O amor está na contramão da experiência psicanalítica.

Em psicanálise não se trata do amor, mas do gozo que faz Um, porque Há-Um. Esse Um, S1, é o significante; detrás dele se esconde o gozo. Gozar do corpo de outra pessoa, não toca na questão do que faz Um, na questão da identificação. Então, temos estes dois conceitos concorrentes na experiência psicanalítica: o amor e a identificação.

Vale lembrar que existe uma tradição na psicanálise que diz que a experiência depende inicialmente de uma "falta básica" mas, quando recorremos ao conceito de identificação, observamos que a experiência depende de um primeiro laço social e isso pode levar-nos a concluir que o conceito de identificação explica melhor a formação do sintoma do que a carência de amor. Isso quer dizer que tomar emprestado um traço do Outro, explica melhor o sentido do sintoma do que a falta de amor do outro.

Devemos colocar um dos pilares da psicanálise na impossibilidade da relação sexual. O matema d'asexo(ualidade) quer anunciar isso, que alguma coisa no trabalho do inconsciente não pode escrever-se, o que quer dizer que é próprio da estrutura de linguagem, da estrutura de significante que, em nenhum lugar, sob nenhum signo o sexo se escreva a partir de uma relação.

O enunciado "não há relação sexual" se aplica aos dois gozos. Por isso dizemos que o fundamento da psicanálise não é a bisexo(ualidade), mas a asexo(ualidade). Por isso dizemos que a psicanálise não tem nada a ver com sexo, mas com asexo.

PRELÚDIO 12

De que se trata no amor?

Sonia Campos Magalhães

No seu seminário Mais, ainda, Lacan[1] nos diz que foi preciso a psicanálise, foi preciso Freud, para que novos caminhos fossem trilhados em relação ao amor.

Trazendo o dito “Nós dois somos um só”, Lacan ironiza ao dizer que todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles fossem um só, mas que é daí que parte a ideia do amor[2].

Para Lacan, foi preciso Freud para dizer que o amor, se é verdade que tem relação com o Um, não faz ninguém sair de si mesmo. Ao introduzir a função do amor narcísico, Freud se perguntava como poderia haver amor por outro, já que esse Um, de que “[...] todo mundo tem a boca cheia”, como enfatiza Lacan, é da natureza da miragem do Um que a gente acredita ser[3].

Lacan propõe partir do “Há Um” e afirma que, no discurso de Freud, isto se anuncia por Eros que, de grão em grão, supõe-se tender a fazer um de uma multidão. Para fazer face ao Eros universal, Freud faz surgir outro fator na forma de Tânatos, a redução ao pó[4].

No entanto, se esta for uma metáfora permitida a Freud, diz Lacan que, sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem, é no nível da língua que teremos de interrogar esse Um ao qual a série dos séculos concedeu ressonância infinita.[5]

Esse “Há Um” é para ser tomado com o viés de que “Há Um” sozinho. É aí que se apreende o nervo do que se pode chamar pelo nome com que a coisa ressoa por todo o curso dos séculos, isto é, o amor.

É o que a análise nos ensina. Na análise não se lida senão com isso. Não é por outra via, senão a do amor, que ela opera. É uma via singular. A experiência analítica permitiu a Lacan destacar o que ele acreditou suportar a transferência, no que ela não se distingue do amor, e cuja fórmula se propõe: sujeito suposto saber.

No começo da psicanálise está a transferência. É o que nos diz Lacan, acrescentando – graças ao psicanalisando[6].

No começo da experiência analítica está o amor. Mas, que amor é este? De que se trata no amor, a partir do que a psicanálise nos ensina?

Creio poder dizer que se trata do amor que a psicanálise propõe: amor renovado pelo discurso analítico. Amor articulado ao saber, ao saber que a psicanálise faz surgir quando Freud traz o inconsciente. Amor ao saber, susceptível de dar lugar ao Desejo de saber.

[1] LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais, ainda. Versão brasileira de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

[2] Id. *ibid.*, p. 64.

[3] Id. *ibid.*

[4] Id. *ibid.*, p. 90.

[5] Id. *ibid.*, p. 91.

[6] LACAN, J. Proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. Novos escritos. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2003, p. 252

PRELÚDIO 13

No sexo e no amor, o que se a-posta?

Vera Pollo

Mas, estaremos nós à altura do que parecemos, pela subversão freudiana, ser convocados a carregar – o ser-para-o-sexo? Não parecemos muito valentes para manter essa posição. Nem tampouco muito alegres. (Lacan, 1968/2003, p.363)

Será que ainda “não pegamos a coisa”, como afirmou Lacan[1] em 1968? Como entender sua afirmação? O tema do nosso próximo encontro nacional, “Amor e sexos”, reúne duas apostas presentes em cada análise, como em nossa vida cotidiana. Quem não os deseja, o amor e o sexo?

Lembremos que Freud[2] não aprovou o mandamento cristão “ama o teu próximo como a ti mesmo”, não apenas por enunciar o impossível, mas sobretudo por banalizar o amor. E Lacan deduziu da invenção freudiana de um novo laço social a aposta em um amor liberado de suas amarras narcísicas. Amor-signo. Quiçá, mais digno. Pode o amor ser o signo de uma época? Se o for, que modo estaria ele adquirindo em nossa época?

Vivemos hoje a era das “fertilizações assistidas”, que não raro dispensam o ato sexual. Recebemos em nossos consultórios sujeitos que se classificam abertamente como “homossexuais”, “lésbicas” ou “bissexuais”. Como os demais, eles vêm primordialmente em busca de solucionar os conflitos do amor e nos fazem lembrar a pergunta sugerida por Lacan[3] em 1972: Será que já existe uma “norma homo”? Afinal, não há nenhum rastro da palavra ‘norma’ no discurso antigo, fomos nós que a inventamos.

Não há uma relação simples, muito menos unívoca, entre o sexo e o amor. Se este pode suprir a falta do primeiro, é apenas na medida em que o amor é libido diferida. Libido atenuada, sublinhou Freud[4], mencionando a idealização do objeto amado, mas...não sem a depreciação do objeto sexualmente desejado. Lacan, por sua vez, destacou desde cedo a cumplicidade íntima do significante e do amor, pois “há pessoas que nunca se haveriam apaixonado, se nunca tivessem ouvido falar de amor”[5]. Chegou a dizer que a transferência é o milagre por meio do qual se é transposto da posição de amado à de amante[6]. É que o amor demanda amor, o amor demanda...mais, ainda.

Em contrapartida, o inconsciente não inscreve a diferença sexual. Nem o sexo, nem a morte, tão somente o falo, símbolo da turgescência vital. Vem daí o fato de que os homens amam como fetichistas. As mulheres, porém, qual loucas erotômanas, é tudo ou nada para elas! Ouçamos o que formula nossa Rita Lee:

Amor é um livro
Sexo é esporte
Sexo é escolha
Amor é sorte

Amor é pensamento, teorema
Amor é novela
Sexo é cinema

Sexo é imaginação, fantasia

Amor é prosa
Sexo é poesia

O amor nos torna patéticos
Sexo é uma selva de epiléticos

Paro por aqui, embora a letra da música comporte mais estrofes, inclusive em termos bem próximos aos de Freud, enunciando que o amor é cristão, enquanto o sexo é pagão. E volto à questão inicial sobre o que se aposta. No sexo, com certeza, um álbi fálico. E no amor? Um mais-além do narcisismo[7]? “E se o amor, tornando-se um jogo de que se sabe as regras, passasse a ser um elo do nó borromeano, se ele funcionasse unindo o gozo do Real ao real do gozo, será que não valeria a pena jogar o jogo?!”[8]

[1] (1968) Alocução sobre as psicoses da criança. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

[2] (1930 [1929]) O mal-estar na civilização. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969, v. XXI

[3] (1971-1972) Le savoir du psychanaliste. Entretiens de Sainte-Anne. Seminário de 3 de fevereiro de 1972. Inédito.

[4] (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). In: Obras Completas, v. XI.

[5] La Rochefoucauld apud Lacan. Função e campo da fala e da linguagem. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.265

[6] (1960-1961) O Seminário, livro 8: a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 59

[7] Cf. Soler, C., 1982

[8] Lacan, J. (1973-74) Les non-dupes errent. Seminário de 12 de março de 1974.

PRELÚDIO 14
O amor como a-mais
Gracia Azevedo

“Amo-te não por quem tu és, mas por quem sou quando estou contigo”.
Gabriel García Márquez.

A diversidade sexual reflete a diversidade da pulsão que, embora esteja sempre à deriva, corre atrás do objeto causa de desejo, que é próprio de cada um. A fantasia mostra que a verdadeira bissexualidade de todo ser sexuado se encontra nas posições de sujeito e de objeto, e não de homem e de mulher. Por outro lado, homens e mulheres, independente do sexo, podem experimentar o gozo fálico e o Outro gozo.

Os homens, as mulheres e as crianças, não são mais do que significantes, nos diz Lacan.

O inconsciente estruturado como uma linguagem coloca os seres falantes em uma posição de desconforto, de falta, onde a linguagem funciona como suplência, por ausência de representação para o ser Um. A relação sexual, por estrutura, não existe, pois a linguagem que a origina, é insuficiente para articular o ser do sujeito. A divisão produz o alinhamento homem e mulher, sob as bandeiras da função fálica ou da função não-toda fálica, independente da anatomia. O sujeito dividido, capenga, vai atrás do objeto causa de seu desejo e encontra apenas um signo capaz de provocar o desejo. O gozo sexual, fálico, não se encontra com o gozo do Outro que é do corpo. O gozo busca a satisfação baseada na linguagem, que não tem a representação buscada. O aparelho de gozo é a linguagem. Só que se há linguagem, há furo, falta de gozo, falta do Um. O recalque inaugura a linguagem. Então os processos primários de gozo já cederam para os significantes. É o blábláblá que surge para suprir essa perda de gozo.

Os seres falantes diferenciam-se em homem e mulher pelos caracteres físicos e sexuais, mas, esta organicidade é secundária.

O sujeito é efeito de linguagem. Causado pela divisão, seu discurso se alinha do lado homem ou do lado mulher. Não há relação sexual pela própria natureza “furada” da linguagem.

A sexualidade é um fato de linguagem, constituída a partir de um significante que representa o recalado. Por isto mesmo não há um significante que represente essa falta e que faça existir a relação sexual. O que define o homem é o fato do ser falante se alinhar sob a bandeira da castração, da função fálica. As mulheres se alinham sob a bandeira do não-toda situada na função fálica. Partindo da referência fálica, A mulher não existe, não é universal. Há um resto não inscrito na função fálica. Ela é uma a uma, há um gozo suplementar do lado da mulher. Essa forma de gozo, fálico ou não-todo divide os seres falantes em machos e fêmeas e não há encontro, a não ser pelo logro do amor.

O objeto de desejo é metonímico, como o é, o significante. A linguagem em seu efeito de significado, não é jamais senão lateral ao referente. O que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor, nos diz Lacan.

No desejo temos um objeto em questão, e não um sujeito. É aí que reside o mandamento do deus do amor. O de fazer do objeto algo que, primeiramente, seja um objeto, e, em segundo lugar, um objeto diante do qual, desfalecemos, vacilamos, desaparecemos como sujeito. Do lado do objeto, temos uma supervalorização. Aí ele tem a função de salvar a nossa dignidade de sujeito, isto é, algo que pode nos distinguir de um sujeito submisso ao deslizamento infinito do

significante. Ele faz de nós algo de um sujeito único, de inapreciável, de insubstituível. O verdadeiro ponto onde podemos designar a dignidade do sujeito.

O amor faz suplência. Suplementa (não completa) esse gozo na mulher. Para o homem não há nenhuma chance de que ele goze do corpo da mulher. Ele goza do objeto da sua fantasia, causa do seu desejo, seu sintoma. Aí temos o ato de amor, perversão polimorfa do macho, gozando do objeto a.

A verdade do desejo é sozinha, uma ofensa à lei. O que está em jogo na relação com o falo, é o ser do sujeito. Ele o é, diz Lacan, por “ser o significante sob o qual a linguagem o designa”.

Assim o amor se serve de um a estrelado, marcado, um a-mais. Que também não serve, mas, vai seguindo a trilha daquilo que se parece mais e mais com nossa angústia velada, desvelada e revelada. Com o que nos leva adiante, Eros, lado a lado com Tânatos.

Referências bibliográficas

Lacan, Jacques – O seminário, livro 6 – O desejo e sua interpretação. Publicação não comercial.

Lacan, Jacques – O seminário, livro 8 – A transferência. Jorge Zahar Ed., 1992.

Lacan, Jacques – O seminário, livro 20 – Mais, ainda. Jorge Zahar Ed., 1985.

PRELÚDIO 15

Amor só é bom se doer?

Lia Silveira[1]

Freud dixit : perguntem aos poetas! E em matéria de amor, a língua portuguesa deu ao Brasil um de seus maiores expoentes: Vinícius de Moraes. O “poetinha” não só compôs e cantou o amor, como o perseguiu incansavelmente. Vinícius, o homem, chegou a casar-se nove vezes, correndo atrás do “amor total” e caindo fora de cada relação tão logo a “chama eterna” se apagava. (Mas deixemos de lado a biografia, já que se não se trata de bancar o psicólogo.)

Batida de samba, os versos anunciam:

“Amigo sinhô, Saravá!
Xangô me mandou lhe dizer:
Se é canto de Ossanha, não vá!
Que muito vai se arrepender.
Pergunte pr’o seu Orixá,
O amor só é bom se doer”

“Amor só é bom se doer”, não é novidade. Rimar amor e dor já é lugar comum. Na verdade, o amor romântico nasce assim: um impedimento, um balcão, dois amantes e uma trova. Cartas de amor, é o que a dor da distância produz. Na poesia romântica, na música romântica, só se fala das dores de amor, dos desencontros do amor, das impossibilidades do amor.

Nas linhas de “Canto de Ossanha” Vinícius (com a ajuda de Baden Powell que mais tarde entrou pra igreja evangélica e renegou os afro-sambas) fala-nos de um dos perigos a que está exposto o amor: o das ameaças de canto sedutor, traidor. Um canto que traz consigo uma promessa, mas que já vem acompanhada de um alerta de arrependimento: “Se é canto de Ossanha, não vá! Que muito vai se arrepender.”

Ossanha é um dos ícones da mitologia afro-brasileira. Conta a lenda que um rei decidiu casar a sua filha mais velha. Mas só concederia sua mão àquele que adivinhasse o nome de suas três filhas. Ossanha aceitou o desafio e subindo em uma árvore, disfarçou-se de pássaro e pôs-se a cantar um canto irresistível, atraindo a atenção das princesas. Disfarçado de pássaro, brincou com elas a tarde toda, ganhou sua confiança e descobriu seus nomes. Assim, conseguiu casar-se com a pretendida.

Embora não nos diga o porquê do perigo, nos versos vinicianos é o próprio Xangô (autoridade entre os orixás) quem avisa do destino trágico reservado à quem se deixar levar por esse canto. A

nos fiarmos na estrutura dos mitos, sabemos, com Ulisses, onde leva essa sedução da voz: as sereias, com seu canto mavioso, encantam os marinheiros e os arrastam para a morte.

A morte, preço a ser pago pela reprodução sexuada entre os seres. A morte, ponto final para todo desejo não advertido, desejo que se deixa seduzir pela crença de que é possível encontrar o objeto que o satisfaça.

Mas o que o mito (re)vela é a divisão estrutural de todo ser falante, que o destina ao paradoxo de, por um lado, ser ali onde não pensa, e por outro, pensar onde não é. Como diz a canção:

O homem que diz “dou”,
Não dá!
Porque quem dá mesmo.
Não diz!
O homem que diz “vou”
Não vai!
Porque quando foi,
Já não quis!
O homem que diz “sou”
Não é!
Porque quem é mesmo “é”
Não sou!
O homem que diz “tu”,
Não tá!
Porque ninguém tá quando quer.

É o desejo, que sobrepuja o Eu que diz “sou”, porque ninguém tá quando “quer”. Não existe afânise do desejo, é antes o sujeito que sucumbe frente à fulguração do desejo. O amor-canto-de-ossanha enganador, engana a dor dessa divisão, fazendo acreditar que é possível integrar essas metades num “amor total”. Amor narcísico, diz Freud, pois não está interessado na alteridade, na diferença, mas apenas em recuperar aquilo que julga parte de si.

No canto de Ossanha, o desejo surge fazendo questão, desacomodando. O sujeito, dividido entre o imperativo e sua recusa, vacila num ritornelo:

Vai! Vai! Vai! Vai!
Não Vou!
Vai! Vai! Vai! Vai!
Não Vou!

Vai! Vai! Vai! Vai!
Não Vou!
Vai! Vai! Vai! Vai!

Até que o enunciador se afirma por um “Não Vou!” decidido, e justifica:

Não! Eu só vou se for pra ver
Uma estrela aparecer
Na manhã de um novo amor...

Ato, decisão, escolha subjetiva...disso depende um novo amor. Será que a análise anuncia a manhã de um novo amor? Será possível inventar uma rima outra, que não amor e dor?

A análise começa por essa via do canto-promessa de amor, cartas (lettres) de amor se endereçam e desfilam. A diferença só se faz possível porque, nessa repetição, um desejo novo se faz presente. Desejo do analista que, ao fazer semblante de canto, o reduz à pura voz que o sustenta. Voz, marca de gozo, letra (lettre) esvaziada do sentido que sustentava a mandinga do Outro traidor.

A partir dessa experiência do vazio, de tomá-lo em sua radicalidade, pode ser que surja a “manhã de um novo amor”. Novo, não na acepção de “recente”, “recém-chegado” (nesse sentido é bem possível desfilar uma lista de “novos” amores sem nunca sair do mesmo), mas novo no sentido de “inédito”, daquilo que permite que algo se inscreva como diferença.

Em novembro estaremos em Campo Grande para falar de amor, convidamos a todos para que possamos dizer um pouco mais sobre isso.

[1] Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano; Fórum de Fortaleza

PRELÚDIO 16

AMOR É PROSA, SEXO É POESIA

Maria Lúcia Araújo

O título é proposital para destacar a frase de Jabor, mostrando como a literatura pode generosamente contribuir com a psicanálise. Mas antes de ler o que o poeta escreveu ouçamos Lacan falar sobre o amor: “Mas o que articulei precisamente no ano passado foi que quando a gente ama não se trata de sexo”. Para Lacan o amor visa o ser. O amor e a palavra fazem suplência a “não relação sexual”. O amor [...] faz signo, e ele é sempre recíproco. É mesmo por isso que se inventou o inconsciente – para se perceber que, o desejo do homem, é o desejo do Outro [...] o amor , será que é fazer um só? Eros, será ele tensão para o UM? [...] o discurso analítico só se sustenta pelo enunciado de que não há, de que é impossível colocar-se a relação sexual”.

Arnaldo Jabor, não é psicanalista, é escritor e diz que tem fome de arte. Em seu livro: Amor é prosa, sexo é poesia afirma, poeticamente, que “O amor tem jardim, cerca, projeto. O sexo invade tudo. Sexo é contra a lei. O amor depende de nosso desejo, é uma construção que criamos. Sexo não depende de nosso desejo, nosso desejo é tomado por ele. No amor perdemos a cabeça, deliberadamente. No sexo o pensamento atrapalha só as fantasias ajudam. O amor vive da impossibilidade sempre deslizante para a frente. O sexo é um desejo de acabar com a impossibilidade. A sexualidade é finita [...]. Já o amor, não... O amor vive da incompletude e esse vazio justifica a poesia da entrega. Ser impossível é sua face de beleza. Calma, pessoal, claro que o amor existe [...] o amor é uma ilusão sem a qual não podemos viver”. Finalmente ele conclui que: “Sexo e amor tentam mesmo é nos afastar da morte”.

Bibliografia:

JABOR A. Livro: Amor é prosa, sexo é poesia. Rio de Janeiro. Editora Objetiva Ltda. 2004, p.35/39.

LACAN, J. O seminário, livro 20, Mais, ainda. (1972/1973). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, p.12/13. 1985.